

CRER PARA COMPREENDER

A linha que faltava

O grande rolo de Isaías, copiado mais de um século antes de Cristo, posto ao lado dos códices medievais de Alepo e de Leningrado, variante por variante; os escribas que contavam as letras e admitiam não saber todas; uma igreja da África que quase se desfez por causa de uma planta; e o versículo da palavra que permanece, que é ele mesmo um lugar onde as cópias não concordam

D. G. DE SOUZA

HAC-S01-011

Antes de começar

Quem é quem

Neste fascículo

I	Dois traços de pena
II	Sete metros de couro
III	Os que contavam as letras
IV	A linha que faltava
V	Variante por variante
VI	Outros livros, outras famílias
VII	Uma planta em Oea
VIII	As igrejas diante das cópias
IX	A semente que não seca

Capítulo I

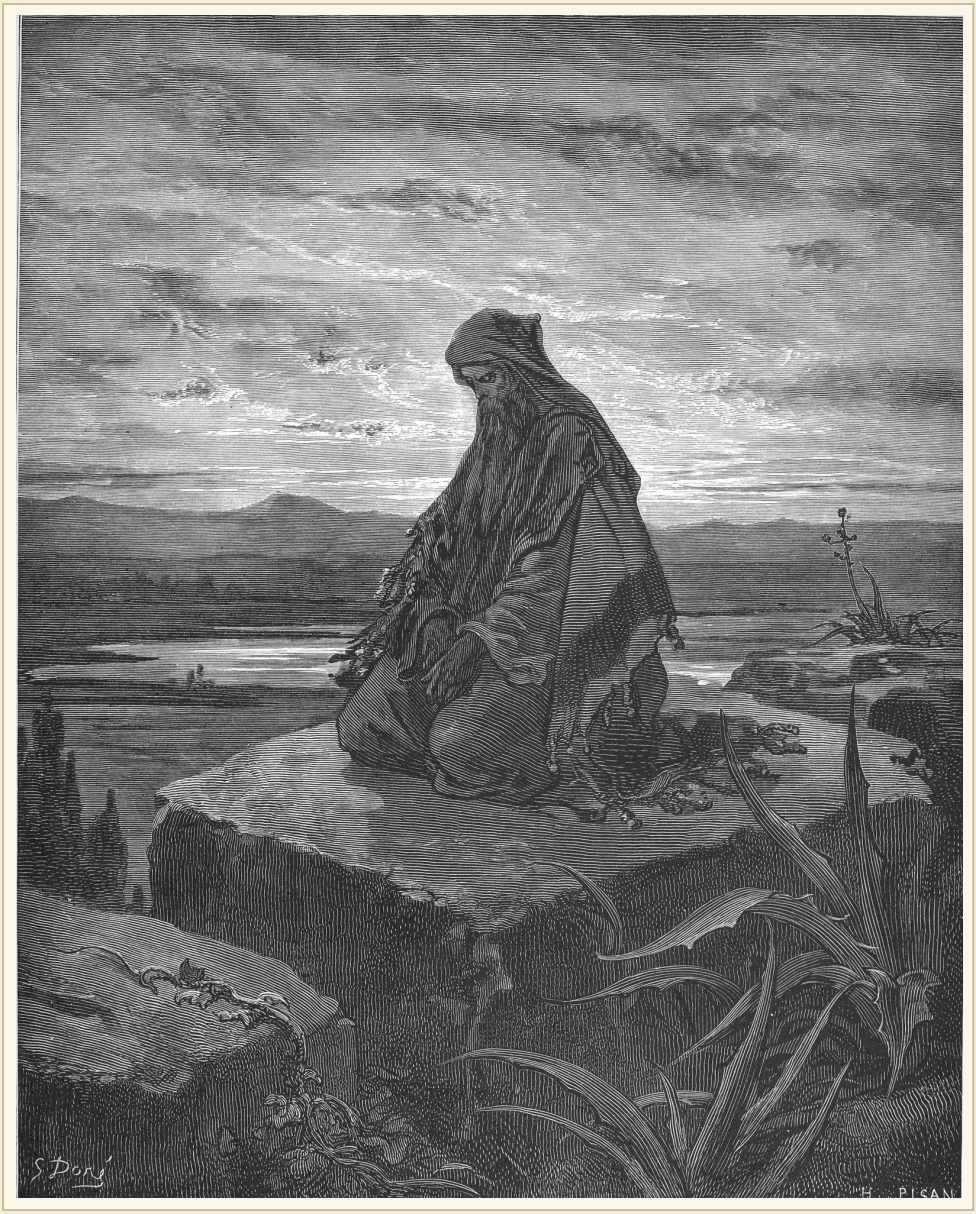
Dois traços de pena

Em algum momento dos anos 1710 ou 1720, em Londres, um jovem estudioso suíço chamado Johann Jakob Wettstein se debruçou sobre uma página do Códice Alexandrino, um manuscrito grego do século V, e ficou muito tempo olhando para duas letras. Era a primeira carta a Timóteo, no versículo que fala do "mistério da piedade". As letras eram ΟΣ,

"aquele que". Mas dentro do O parecia haver um traço, e por cima das duas letras, outro. Com esses dois traços, OΣ vira ΘΣ, a abreviação com que os copistas escreviam "Deus". "Aquele que foi manifestado em carne" ou "Deus foi manifestado em carne"?

Wettstein concluiu, segundo o relato que chegou até nós, que o traço de cima era de outra tinta e de outra mão, e que o "traço do meio" era a tinta de uma letra do outro lado do pergaminho, transparecendo. Outros, antes e depois dele, juraram ver ali o Θ. Wettstein foi acusado de negar a divindade de Cristo e acabou deixando Basileia.[1]

Como vimos no episódio sobre o tempo que se cumpriu, a confissão daquele hino não depende desses traços: nas duas leituras, quem foi "manifestado em carne" e "recebido na glória" é o mesmo, Cristo. Calvino, que só conhecia cópias com "Deus", já dizia que, mesmo concedendo que Paulo não tivesse escrito a palavra, "o nome de Cristo deve ser suprido".[2] Mas a cena deixa uma pergunta que o hino não resolve. Se um traço de pena pesa tanto num livro do Novo Testamento, quanto terá mudado a Bíblia hebraica, copiada à mão durante mais de mil anos antes de chegar às edições impressas?



O profeta Isaías sentado numa rocha, envolto no manto, diante de um vale ao entardecer, na gravura de Gustave Doré para a Bíblia de 1866 (domínio público).

Gustave Doré · 1866 · La Sainte Bible (domínio público)

Um versículo sobre a própria pergunta

Há um versículo que parece responder antes da pergunta. Está em Isaías 40, o capítulo que começa com "Consolai, consolai o meu povo". Uma voz manda o profeta clamar, e ele pergunta o que deve clamar.



Uma voz diz: Clama! E ele disse: Que clamarei? Toda a carne é erva, e toda a sua constância é como a flor do campo. Seca a erva, murcha a flor, porque o sopro do SENHOR soprou nela. Certamente, o povo é erva. Seca a erva, murcha a flor; mas a palavra do nosso Deus subsiste para sempre.

ISAÍAS 40:6-8

A "constância" do homem é *ḥesed*, a palavra da lealdade da aliança: aplicada à carne, soa como ironia, porque a lealdade humana dura o que dura uma flor. O "sopro" é *rûaḥ*, vento e espírito, o vento quente do deserto que queima o capim num dia. E "subsiste", *yāqûm*, é o verbo que Isaías usa para o plano de Deus que se cumpre: "o meu conselho subsistirá" (46:10). Não é a imagem de um documento num arquivo; é a de uma promessa que não cai.[3]

Isaías falava da promessa, não de pergaminhos. Mas a promessa chegou até nós por pergaminhos. Desde 1947, existe um modo de pôr os dois lados lado a lado: um rolo de Isaías copiado mais de um século antes de Cristo, que se pode comparar, letra por letra, com os códices que os judeus copiaram mil anos depois. E o versículo da palavra que subsiste para sempre está nele. Com uma surpresa.

---

1. J. J. Wettstein, *Prolegomena* (1730); o seu Novo Testamento grego saiu em Amsterdã (1751-1752). A sequência das leituras do Alexandrino em 1 Timóteo 3:16 (Mill, Wettstein, Woide, Burgon) é conhecida aqui por resumo; as datas exatas são incertas.

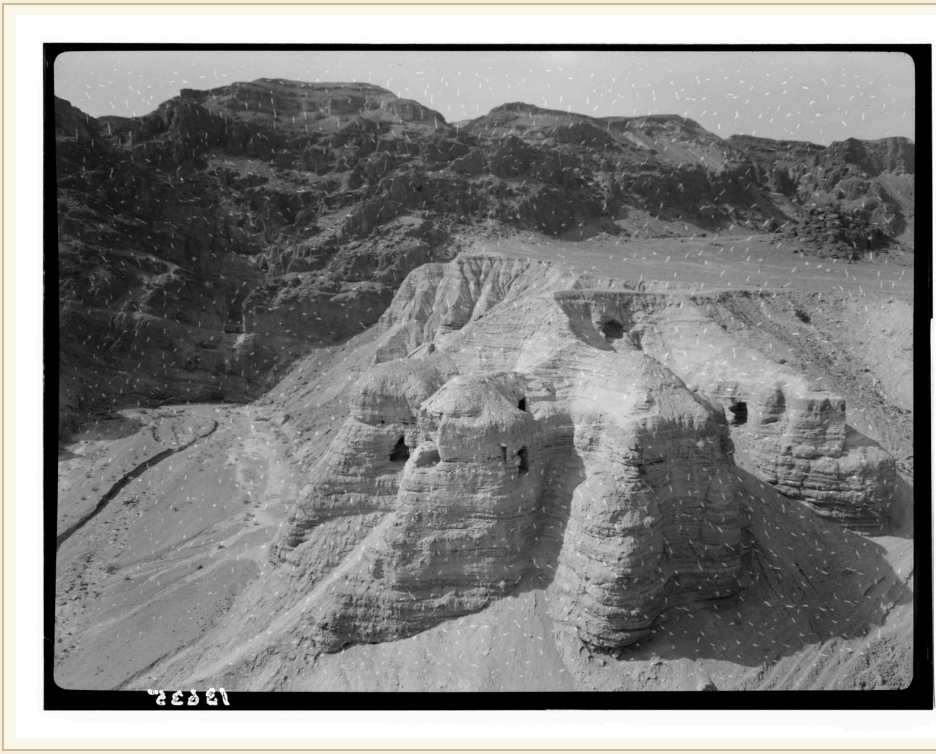
2. 1 Timóteo 3:16, no SBL Greek New Testament com o aparato: Ὃς em Westcott-Hort, Tregelles e NA28; θεός no texto bizantino. Calvino, *Comentário às epístolas a Timóteo*, sobre 3:16. O hino foi lido no fascículo *O tempo está cumprido* (HC-S01-009).
3. Isaías 40:1-8 e 46:10, no hebraico da Westminster Leningrad Codex (WLC). A Septuaginta traduz *ḥesed* por δόξα, "glória".

Capítulo II

Sete metros de couro

Entre novembro de 1946 e fevereiro de 1947, três beduínos da tribo ta'âmireh entraram numa caverna das encostas a noroeste do Mar Morto, hoje chamada caverna 1 de Qumran, e saíram com sete rolos. A cena da pedra atirada atrás de uma cabra e do barulho de jarro quebrado é a versão popular; o ano muda de um relato para outro.[1]

Entre os sete estava um Isaías quase inteiro. Quem escreveu esses rolos e por que os escondeu é assunto de outro capítulo deste livro, e um deles, o comentário a Habacuque, já apareceu no episódio sobre Jônatas e o Sacerdote Ímpio. Aqui interessa o Isaías.



A caverna 4 de Qumran, cavada no terraço de marga acima do vale, onde apareceram fragmentos de centenas de manuscritos, entre eles dezoito cópias de Isaías; foto da Coleção Matson, Library of Congress, c. 1950 (domínio público).

Coleção Matson · c. 1950 · Library of Congress (domínio público)

O pai, o filho e um anúncio de jornal

Um sapateiro e antiquário de Belém, Kando, vendeu quatro dos rolos, entre eles o grande Isaías, ao metropolita sírio-ortodoxo de Jerusalém, em julho de 1947. Outros três foram parar nas mãos de Eleazar Sukenik, arqueólogo da Universidade Hebraica, que foi a Belém em 29 de novembro de 1947, o dia em que a ONU votava a partilha da Palestina.

No mesmo mês, uns quinhentos quilômetros ao norte, depois da mesma votação, a Grande Sinagoga de Alepo, na Síria, foi incendiada num tumulto. Lá dentro, num cofre, estava havia uns seis séculos o códice que os judeus tinham

pelo melhor exemplar da Bíblia hebraica, o Códice de Alepo. Ele reapareceu em Israel em 1958, com perto de dois quintos das páginas faltando, quase toda a Torá entre elas. Se as folhas arderam ou foram arrancadas, ninguém sabe.[2] No mesmo fim de 1947, o mundo ganhava o manuscrito mais antigo de Isaías e perdia parte do melhor manuscrito medieval da Bíblia hebraica.



O Códice de Alepo aberto em Deuteronômio 4:38 a 6:3, numa fotografia de Joseph Segall publicada em 1910. A página se perdeu depois de 1947; esta foto, com os Dez Mandamentos, é o que sobrou dela (domínio público).

Joseph Segall · 1910 · Travels through Northern Syria, Londres (domínio público)

Os quatro rolos do metropolita foram para os Estados Unidos. Em 1º de junho de 1954, o *Wall Street Journal* publicou, nos classificados, um anúncio intitulado "The Four Dead Sea Scrolls". O filho de Sukenik, o arqueólogo Yigael

Yadin, comprou os quatro por intermediários, por 250 mil dólares. Desde 1965, os rolos e o Códice de Alepo estão no mesmo prédio, o Santuário do Livro, em Jerusalém.

O rolo

O grande rolo de Isaías, que os estudiosos chamam 1QIsaª, tem 7,34 metros de comprimento e uns 25 centímetros de altura: 17 folhas de couro costuradas, 54 colunas, os 66 capítulos na ordem que conhecemos. É o maior e o mais bem conservado dos rolos bíblicos do deserto, e o único quase completo.



O grande rolo de Isaías (1QIsaª) inteiro, cortado em três faixas para caber na imagem: 54 colunas em cerca de sete metros de couro. Fotografia de Ardon Bar Hama, Museu de Israel (domínio público).

Grande Rolo de Isaías (1QIsaª) · c. 125–100 a.C. · Museu de Israel, Jerusalém (domínio público)

Em números

7,34 metros — *de couro, em 17 folhas costuradas e 54 colunas: o livro de Isaías inteiro, copiado entre 125 e 100 antes de Cristo*

Pela forma das letras, os paleógrafos o põem por volta de 125 a 100 antes de Cristo. Dois laboratórios, em Zurique e em Tucson, dataram o couro pelo carbono-14 com resultados "em excelente acordo"; mas o carbono dá uma faixa

larga, que muda com a calibração, e essa faixa não contradiz a paleografia.[3] O rolo não está sozinho: só em Qumran apareceram vinte e uma cópias de Isaías.

Mil anos, contados

A conta do título é esta. Antes de 1947, os manuscritos hebraicos mais antigos de Isaías eram do começo do século X depois de Cristo. O Códice de Alepo foi copiado por volta de 920 a 930; o de Leningrado, o mais antigo manuscrito completo da Bíblia hebraica, em 1008. Entre o rolo e Alepo há uns 1.050 anos; entre o rolo e Leningrado, uns 1.100.

Há outra distância que não se pode esconder. Entre Isaías e o rolo há uns seiscentos anos (uns quatrocentos, para os capítulos 40 a 66, na datação que os põe no exílio). O rolo não é o original do profeta. É uma cópia de cópias, mil anos mais perto da fonte, mas ainda longe dela. O que ele permite medir é a cópia.

---

1. Reconstrução das datas por John C. Trever, a partir de entrevistas; os relatos dos pastores divergem no ano e nos pormenores.
2. Sobrevivem cerca de 294 das cerca de 487 páginas do Códice de Alepo; a Torá começa em Deuteronômio 28:17. As manchas do códice são de fungo, não de fogo. Números conhecidos por resumo.
3. Museu de Israel, *The Great Isaiah Scroll*. A. J. T. Jull e outros, *Radiocarbon* 37 (1995), pp. 11-19 (faixas calibradas não conferidas na tabela original). Cópias de Isaías: duas da caverna 1, dezoito da 4, uma da 5 (lista de M. Abegg).

Capítulo III

Os que contavam as letras

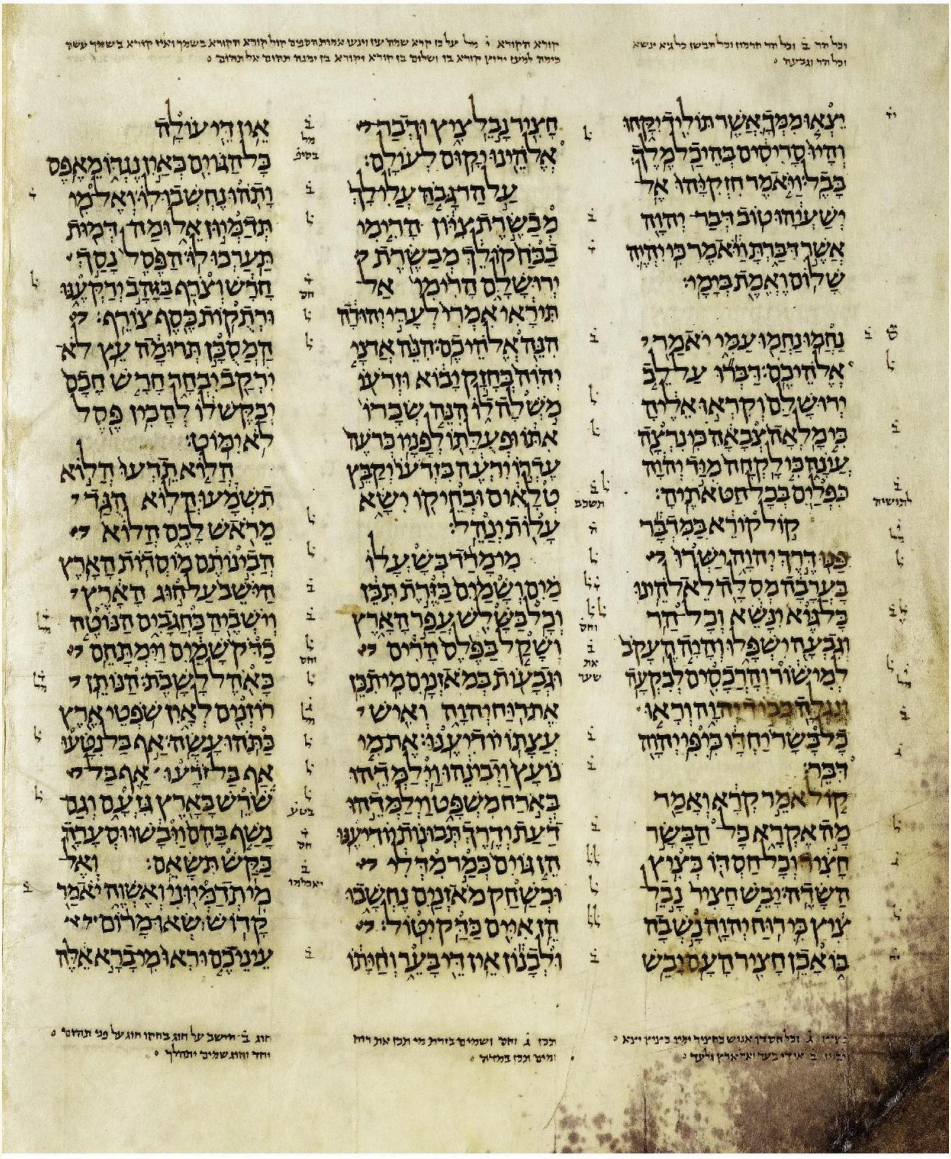
Para medir a distância, é preciso saber quem copiou os códices medievais. O texto da Bíblia hebraica que se lê nas sinagogas, e que está por trás das traduções protestantes do Antigo Testamento, chama-se texto massorético, de *masorah*, "tradição". Os massoretas foram escolas de escribas que trabalharam sobretudo em Tiberíades, à beira do Mar da Galileia, entre os séculos VII e X.



Tiberíades à beira do Mar da Galileia, na gravura de Harry Fenn para Picturesque Palestine (1881). Nesta cidade, nos séculos IX e X, os massoretas fixaram as vogais, os acentos e as notas do texto hebraico (domínio público).

Harry Fenn · 1881 · Picturesque Palestine, Sinai and Egypt (domínio público)

O hebraico se escrevia só com consoantes. Os massoretas não mexeram nas consoantes que receberam: acrescentaram em volta delas sinais de vogais e de acentos, e encheram as margens de notas (quantas vezes uma palavra aparece escrita de certo jeito, quantos versículos tem um livro). Essas notas são a massorá. A família mais famosa foi a de Ben Asher; o último dela, Aarão ben Asher, pôs as vogais e as notas no Códice de Alepo, cujas consoantes um escriba chamado Salomão ben Buya'a tinha copiado. O Códice de Leningrado foi feito no Cairo por Samuel ben Jacob, que diz no colofão tê-lo corrigido "segundo os livros de Ben Asher". Nos versículos deste fascículo, Alepo e Leningrado coincidem letra por letra.[1]



Página do Códice de Alepo (c. 930) com Isaías 39:7 a 40:26. Na coluna da direita começa "Consolai, consolai o meu povo"; embaixo, "Toda carne é erva" (40:6), que continua no alto da

coluna do meio com "a palavra do nosso Deus subsiste para sempre". Instituto Ben-Zvi, Jerusalém (domínio público).

Códice de Alepo, Isaías 40 · c. 930 · Instituto Ben-Zvi, Jerusalém (domínio público)

"Contavam todas as letras"

O cuidado com a cópia é muito mais antigo que os massoretas, e o Talmude o explica com um jogo de palavras: "escriba" é *sofer*, da raiz que também quer dizer "contar".

Talmude babilônico, *Quidushin* 30a

לְפִיכָךְ נִקְרְאוּ רִאשׁוֹנִים "סוֹפְרִים", שֶׁהָיוּ סוֹפְרִים כָּל הָאוֹתִיּוֹת שֶׁבַּתּוֹרָה

"Por isso os antigos foram chamados *soferim*, porque contavam todas as letras da Torá."

E o texto dá o resultado: o *vav* da palavra "ventre", em Levítico 11:42, é a letra do meio da Torá. O que vem logo depois quase nunca é contado. Um sábio do século IV, Rav Yosef, pergunta se aquele *vav* pertence à primeira metade ou à segunda. Alguém propõe trazer um rolo e contar. Ele responde:

Talmude babilônico, *Quidushin* 30a

אִינְהוּ בְּקִיאֵי בַּחֲסֵירוֹת וִיתֵרוֹת, אֲנַן לָא בְּקִיאִינַן

"Eles eram peritos nas grafias defectivas e plenas; nós não somos peritos."

"Grafias defectivas e plenas" são palavras que podem ser escritas com ou sem uma letra que indica vogal. O mesmo Talmude que se orgulha dos escribas que contavam as letras admite que, nesse tipo de letra, as cópias variavam e nem os

sábios sabiam decidir. Guarde a frase: é esse o tipo de diferença que o rolo de Qumran mostra em massa.

Outras passagens mostram o mesmo zelo. Rabi Ismael diz ao escrivão Rabi Meir: "sê cuidadoso no teu ofício, porque o teu ofício é obra do céu; não aconteça que omitas uma letra ou acrescentes uma letra, e te encontres destruindo o mundo inteiro". E uma regra proíbe "escrever uma só letra que não seja de um texto escrito": copia-se olhando o exemplar, não de memória.[2]

Texto massorético

O texto da Bíblia hebraica fixado pelos massoretas de Tiberíades entre os séculos VII e X: as consoantes recebidas, os sinais de vogais e de acentos e as notas de margem (a massorá). Os seus melhores representantes são os códices de Alepo (c. 930) e de Leningrado (1008).

No século XII, Maimônides confessou ter visto "grande confusão em todos os livros que vi" no leiaute das seções e dos cânticos, e conferiu tudo por um códice que "Ben Asher corrigiu e examinou com minúcia por muitos anos". Não diz "Alepo"; a identificação é moderna.[3] Mas a atitude é a deste fascículo: ver as diferenças entre as cópias, e conferir pelo exemplar mais cuidado.

---

1. Texto massorético conferido na *Miqra according to the Masorah* (baseada no Códice de Alepo) e no texto do Códice de Leningrado (WLC/UXLC), na Sefaria.
2. Talmude babilônico, *Quidushin* 30a; *Eruvin* 13a; *Meguilá* 18b (Rabi Yohanan), na Sefaria. A frase sobre uma letra que muda *emet*, "verdade", em *met*, "morte", que circula junto com a de *Eruvin*, é do comentário moderno de Steinsaltz, não do Talmude.
3. Maimônides, *Mishné Torá*, Leis de Tefilin, Mezuzá e Sefer Torá 8:4, na Sefaria.

crer *para* compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S01-011

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *A linha que faltava*. O fascículo inteiro tem 51 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender

---

www.diegon.org/membros · youtube.com/@CrerParaCompreender